

A MORTE: EVOLUÇÃO E DESAFIOS DA FINITUDE

Maria de Lourdes Pereira da Costa (UNIBENNETT)

Este trabalho tem por objetivo mostrar a evolução histórico-cultural da morte, mostrando o tema na cultura ocidental e destacando o aspecto da cultura brasileira. Busca ainda demonstrar os estudos norte-americanos e brasileiros com pacientes ditos terminais e os problemas decorrentes desta situação. Além do desafio pessoal da morte, apresenta o desafio que esta representa para os profissionais que lidam com a finitude. São enfocados os aspectos legais, médicos, religiosos e pessoais, assim como também as aplicações práticas dos conhecimentos, visando um melhor atendimento aos que se vão e aos que ficam.

Sempre existiu nos homens a necessidade de explicar sua finitude. Comumente rejeitado pela maioria das pessoas na atualidade é, sem dúvida alguma, o tema que sempre, em toda a história da humanidade esteve presente, guiando de alguma forma seus pensamentos e vida.

A necessidade de explicação para o inexplicável, a necessidade de consolo diante do “nunca mais”, e a sensação de que não somos imunes ao processo ceifador que a morte nos impõe, leva-nos aos mais variados tipos de mecanismos de defesa. Alguns simplesmente a negam, outros a revestem de fantasias, criando um mundo pós-morte, onde tudo que não foi atingido nesta vida virá como um prêmio na próxima etapa existencial.

Entre 63000 e 48000 anos atrás, no período Paleolítico Superior, surge o comportamento do homem de realizar o sepultamento ritualista de seu semelhante: o Homo Sapiens enterra seus mortos, e junto a eles coloca ferramentas e alimentos para auxiliá-los e sustentá-los na nova vida (OLIVEIRA e CALLIA, 2005, p.8). Esta atitude, não encontrada em nenhum outro animal, atribui sentido para a morte e para a vida. O contato com a morte foi

fundamental para o nascimento da consciência, e a consciência humana começa com a religião.

Várias são as atitudes geradas diante do problema morte /sentido de viver. Cada sociedade através dos tempos, baseada em suas realidades e apoiadas em suas crenças, expressara seus cultos e ritos relativos à morte e ao luto, sendo estes estudados pela arqueologia, antropologia, psicologia e outras ciências. Os rituais funerários falam sobre como vemos a morte dos outros, e mostram, freqüentemente, do ponto de vista psicológico, a ambivalência de emoções que se apresentam diante do fim, como a dor e o alívio.

É curioso ainda que o não existir póstumo, a aniquilação, aterrorize-nos de uma maneira que a não existência prévia não o faz (id., p.29.).

Da mesma forma há várias maneiras pela qual a denominam: “a Maldita”, “Aquela senhora”, “a Ceifadora de Almas”, “o Ceifador”, a “Captura”, porém, a mais carinhosa, sem dúvida é a de São Francisco de Assis (1981, p. 831) que em seu leito de morte a incluiu em seu Cântico das Criaturas, com os versos: *"Louvado sejas, meu senhor, por nossa irmã a Morte corporal, à qual nenhum vivente pode escapar..."*

A linguagem popular tem muitas formas de expressar o verbo morrer. Podemos citar entre outras: bater as botas, esticar as canelas, ir para o Beleléu, ir para a cidade dos pés juntos, vestir pijama de madeira, comer capim pela raiz, empacotar, passar desta para melhor, etc. Na cultura popular há também um vasto cabedal de crendices e superstições a respeito

Muitos filósofos também a definiram e fizeram considerações a seu respeito. Para Heidegger a morte é uma possibilidade presente, determinando a vida desde o nascimento. É uma possibilidade geral, que atinge a todos, pois nenhum homem pode morrer no lugar de outro. A existência é dada ao homem, como um caminho bem arranjado no fim do qual está a morte, mas a morte como possibilidade atravessa sua existência, e a qualquer momento pode surpreendê-la.

Em todas as civilizações desde os primórdios da humanidade encontramos uma constante: a crença, embora sob formas diferentes, em uma vida futura após a morte. Esta crença vem desde os povos pré-históricos, que já criam em alguma forma indefinida de sobrevivência. Porém estes dados, obtidos pelos critérios dos estudos arqueológicos de sepultamento ritual, não constituem, logicamente, prova de existência de vida futura.

A crença universal no além apresenta traços típicos, como o fato de muitas vezes serem ligadas a idéias religiosas, e às exigências éticas. A condição pós-morte depende do comportamento ético do indivíduo durante a vida (AUBERT, 1995, p. 28).

Na perspectiva do historiador contemporâneo Philippe Ariès, em sua obra “História da Morte no Ocidente”, nos faz um excelente relato sobre a morte desde a época medieval até a atualidade. Usa, além de rico material em textos, um vasto material iconográfico, que muito auxilia o elucidar do tema. Divide a morte em: a morte domada, a morte de si mesmo, a morte do outro e na morte interdita.

No tipo de morte dita domada está um tipo de atitude perante a morte que ocorreu durante longos períodos da história. Assim era a morte na época dos cavaleiros medievais. Na morte domada o destino se revela através da morte, que é aceita pelo moribundo, em cerimônia pública, inclusive assistida por crianças, cujo rito é fixado pelo costume da ocasião e do lugar. Nesta situação a personalidade não é aniquilada, e sim adormecida. A indiferença à individualidade existente na época, e a familiaridade com a morte durou até o romantismo.

Mortos e vivos careciam igualmente de realidade psicológica. Não havia caráter dramático ou gestos de emoção excessivos, diferente dos dias atuais onde a morte amedronta a ponto de evitarmos pronunciar seu nome. A familiaridade e intimidade com os mortos, porém, não impedia que as pessoas temessem a proximidade com o corpo dos mortos, fato relevado nos cultos funerários, que objetivavam impedir que os mortos voltassem para perturbar os

vivos. Tal fato afastou e levou os cemitérios para longe das cidades, preservando as casas dos habitantes (AUBERT, Jean-Marie, op.cit., 36.).

Na evolução histórica surge o culto aos mártires e a crença em sua proteção. (ARIÈS, 2003, p.42) Tanto no cristianismo como também nos cultos de origem africana, começam a serem construídos santuários junto aos túmulos dos mesmos. Escavações arqueológicas demonstraram acúmulo de corpos sepultados nos santuários, ao redor de altares e dos confessionários. Nasce o desejo de que as pessoas fossem enterradas junto aos santos. As igrejas servem de local de sepultamento dos mais afortunados, e se cercam de cemitérios para os menos validos.

A partir da segunda fase da Idade Média, influenciada pela concepção coletiva da destinação, inicia-se uma nova atitude em relação à morte. Trata-se da morte de si mesmo. São lançadas as bases do que seria a sociedade moderna, surgindo um sentido mais pessoal e mais interiorizado da morte: a sua consciência propriamente dita. A morte, que era aceita com serenidade, passa a ter um sentido dramático e pessoal. A familiaridade, então existente entre o homem e a morte, diminui. Tudo isto traduz o violento apego às coisas da vida. A morte representa a aceitação da ordem da natureza, que sujeitava o homem a maior lei da espécie. Porém não se cogitava evitá-la. (AUBERT, Jean-Marie, op.cit., p.36.) Os mortos cujos corpos haviam sido confiados à Igreja, ou aos santos, descansariam até o despertar celeste, no Paraíso. Aos que não pertenciam à Igreja restava o abandono de não-ser. Outro aspecto colocado pelo autor é a supressão do tempo escatológico entre a morte e o juízo final, passando a se crer que o juízo acontece à volta do leito do moribundo, em seu quarto.

A morte tornou-se o lugar em que o homem melhor tomou consciência de si mesmo.(ARIÈS, Philippe, op.cit., p.58.) A individualização das sepulturas com inscrições que as identificasse, surge com o desaparecimento do hábito de abandonar o defunto na Igreja, ao anonimato até o dia da ressurreição.

No descrito acima a resignação ao destino coletivo da espécie pode ser resumida primeiramente na fórmula: “*et moriemur*” ou seja: morreremos todos. Na próxima fase a morte toma novo sentido. Agora o foco é a morte do outro, que assume características românticas, sendo, antes de tudo, a morte do outro. Cultos, túmulos, inspiram-se na saudade e na lembrança.

Descreve Áries que partir do século XVI a morte carrega-se de sentido erótico, sendo considerada assim como o ato sexual, uma transgressão que arrebatava o homem de sua vida cotidiana, racional, lançando-o em um mundo irracional. Rompe-se a familiaridade com a morte até então “domada”. A ruptura desenvolve-se no mundo das fantasias. A grande mudança que surge no fim do século XVIII, e que se torna traço do romantismo. É a complacência para com a idéia da morte, mudando também a relação entre o moribundo e a sua família.

A morte temida não é mais a própria, mas a do outro. (id., ibid., p.72). A opinião pública se volta à preservação de cemitérios, considerando-os necessários às cidades. Surgem os cultos funerários aos heróis nacionais.

Surgem ainda diferenças de cultos fúnebres entre católicos e protestantes, devendo também ser lembrado que o caráter exaltado ao culto aos mortos, não é de origem cristã, mas sim de origem positivista, tendo os católicos se identificado de tal forma com os mesmos, que logo acreditaram que estes houvessem nascido entre eles. (id., ibid., p.83).

O século XX traz a grande recusa da morte, ou seja a morte interdita. Fenômeno inaudito, a morte torna-se vergonhosa e objeto de interdição.

Nascida desde o fim do século XIX há uma tendência a ocultar e poupar o moribundo da gravidade de seu estado. A verdade se torna problemática. A fealdade, a agonia e a perturbação geradas pela morte deverão ser evitadas, não só ao paciente, mas também à sociedade. A felicidade é imperativa.

A modificação do ritual da morte e do morrer fez com que o assunto ficasse ainda mais reservado. Morrer agora tem como cenário, de modo geral, as portas fechadas dos hospitais, a solidão e impessoalidade dos CTIs. A

ceifadora implacável não mais age em ambiente doméstico, excluindo do processo final os parentes e amigos. Nascer com alegria e viver com dignidade até o fim. Assim deveria ser a história de todos, uma necessidade básica das pessoas, não sendo o momento da morte excluído de dignidade.

A morte, apesar de parte integrante e inseparável da existência humana, traz consigo grande carga de temores e angústias, não só para a pessoa que a enfrenta, mas também para os familiares, profissionais de saúde e religiosos que prestam assistência a estas pessoas. Diante de tal preocupação, considero necessário e urgente o preparo das pessoas, criando capacidade de enfrentar a morte sem temor, trazendo um melhor atendimento aos necessitados de ajuda, gerando com isto maior conforto aos que se vão e aos que ficam.

Nada mudou nos ritos da morte, mas a carga emocional é esvaziada de sua faceta dramática, sendo os sentimentos escamoteados. O primeiro passo é o deslocamento do lugar onde via de regra ela ocorre. Já não se morre mais em casa em meio aos seus, mas sim no hospital, sozinho.

Antes de analisar melhor a situação da morte na atualidade, julgo necessário fazer uma pequena explanação sobre a evolução da morte no Brasil.

A evolução da morte na cultura brasileira nos mostra que o Brasil, tendo sido colonizado pelos portugueses, não poderia deixar de ter sido influenciado também por seus costumes ligados à morte. As várias relações entre vivos e mortos no processo de colonização portuguesa, são amplamente significativos, sendo inclusive a presença dos mortos, fator contribuinte para a estabilização do território urbano.

A princípio o que dominava era a estrutura mental portuguesa e católica vigentes, porém a convivência entre os povos, a miscigenação e o sincretismo foram, pouco a pouco, criando a identidade brasileira a este respeito, sofrendo diversas influências culturais da época. A partir do século XIV a concepção binária céu /inferno agrega um terceiro lugar transitório: o purgatório (OLIVEIRA, e CALLIA, op. cit., p.101). Este traz conseqüências urbanísticas,

pois, devido à necessidade de interação entre os vivos e os do purgatório, nasce a necessidade de proximidade das igrejas para o melhor desempenho das comunicações e auxílio aos que lá se encontravam.

O catolicismo institui sua cultura, cunhada na dualidade na cultura colonial que se iniciava. Os missionários trouxeram suas idéias de dualidade do ser, fazendo com que uma parte do nosso ser, passe a temer a outra. O vivo tem medo do morto, por isto, nossa cultura é uma cultura de almas penadas, almas do outro mundo, em contrapartida às almas salvas e que encontram seu caminho.

Portugueses e missionários, diante de tanta diversidade cultural, apresentavam grande dificuldade no lidar entre os grupos. Como o propósito da conquista era econômico e religioso, foi instituído um sistema de exploração, introduzindo o trabalho em grupos sociais que o desconheciam, impondo a disciplina e a cultura do colonizador. Os que não se adaptaram foram eliminados.

A presença do além é muito marcante na cultura brasileira. Na maior parte dos casos este além é visualizado, como uma dimensão que convive com os vivos no tempo, mas em espaço diverso. (SAÉZ, 1996, p.178.) São incontáveis os mitos e ritos que se apresentam no polimorfismo cultural brasileiro. Existe ainda uma hipertrofia deste conceito e uma promiscuidade de fatos e categorias, que em outras culturas são separados, mas apesar das diferentes formas de religiosidade, apontam todas para uma fé comum em Deus. A idéia de fertilidade, e as variações das estações do ano são, freqüentemente, associadas aos vários rituais da morte, lembrando os ciclos agrários de morte e renascimento.

Entre os índios brasileiros são encontrados rituais em homenagem à morte, como os do Bororo, onde o enterramento ocorre em dois tempos. O primeiro para descarnar os ossos, que depois de alvejados, são decorados e pintados, finalizando o luto, e encaminhando a alma e os ossos a seu destino final.

Outra cerimônia a ser citada é o Quarup, realizada pelos índios Kamaiurás da Reserva do Xingu, em Mato, Grosso, e que marca o final do período de luto. A cerimônia é realizada uma vez por ano, no período de chuvas, época do plantio da mandioca, e tem como objetivo a libertação dos espíritos dos mortos, para que possam ir para a "aldeia das almas", lugares semelhantes ao paraíso das religiões monoteístas (1).

Nas culturas Marajoaras, extintas cerca de 400 anos antes do nosso descobrimento, havia um grande desenvolvimento e esta era considerada tão importante quanto a cultura Maia ou a Inca. Em seu ritual, o morto era submetido a processo de decomposição, e seus ossos colocados em urnas de cerâmica policromada, característica da sua cultura. Os ossos eram arrumados em disposição especial, juntamente com outros pertences do morto. As urnas eram enterradas com suas tampas para fora representando as cabeças (OLIVEIRA, e CALLIA, op. cit., p.16.).

Os Tupis enterravam seus mortos em casa, no mesmo lugar de suas redes. Assim seus entes queridos eram mantidos na sociedade. (id., p. 79.)

Os Ionômani comem seus mortos. Fazem uma pasta de banana, misturada com as cinzas do morto e a comem. Enterram seus mortos dentro de si mesmos. Este tipo de antropofagia era de natureza ritual, os índios comiam seus inimigos, não como alimento corporal, mas sim como alimento ritual e simbólico, onde o vencedor incorpora o vencido. (id., p. 80)

Através dos rituais, o "morto feliz", ajudará os vivos em suas dificuldades, já que nesta nova condição compartilhará a morada com os espíritos e as divindades. (Id., p.11)

Atualmente as pessoas não mais se satisfazem em jogar para Deus a responsabilidade dos fatos, e simplesmente aceitá-los com resignação. A humanidade hoje quer mais: quer conforto, informação correta, melhor qualidade de vida e dignidade ao morrer. A partir da segunda metade do século XX a tecnologia diminuiu a consideração aplicada à morte. Não há mais tempo para morrer, a morte não pode atrapalhar a vida de ninguém.

Na modernidade a medicina tomou a morte como sua grande inimiga. Vivemos o arquétipo do “Puer eternus”, em oposição ao arquétipo do “senex”, onde a juventude eterna é perseguida a qualquer preço, sendo comuns cirurgias e outros procedimentos estéticos, assim como o uso de medicações, mostrando o total despreparo dos indivíduos, e principalmente da sociedade para o confronto existencial da vida e o envelhecimento (OLIVEIRA, e CALLIA, op. cit., p.13.)

Antes de iniciar a análise da morte e do morrer na atualidade, é necessário fazer a distinção entre morrer e morte. Enquanto o morrer é um processo, a morte é o estado a que se chega após o processo de morrer. Este conceito é bastante importante para as questões que surgiram com a modernidade e com o surgimento dos transplantes de órgãos de doadores mortos. Estes procedimentos demandaram as mudanças nos critérios de constatação da morte, dando origem ao atual conceito de morte cerebral.

O progresso da medicina, o uso de vacinas, antibióticos, quimioterápicos e de todo o arsenal da medicina moderna, muito longe de resolver, ou mesmo de amenizar o problema do homem com a finitude, criou uma enorme diversidade de dificuldades e de situações novas ao morrer. Os pacientes apesar dos inúmeros novos recursos sofrem mais, não tanto do ponto de vista físico, uma vez que contam com os novos avanços da ciência, mas principalmente sob o aspecto emocional.

Um bom exemplo de negação é o fato da palavra morte sequer ser normalmente pronunciada, sendo substituída por parada cardíaca. É usual o emprego de siglas: PC (parada cardíaca), ou mesmo IAM (infarto agudo do miocárdio). Neste processo os pacientes perdem suas identidades e individualidades, sendo comum que se fale apenas: "o leito tal", podendo mesmo se ouvir freqüentemente: "o IAM do leito 5" ou ainda "o leito 3 fez uma PC".

Vivemos em um país de jovens, onde não se fala de morte, estando esta confinada aos hospitais. A reflexão sobre a morte está ligada à reflexão sobre o

sentido da vida. Morrer é tão natural e previsível quanto o nascer, e muitas são as questões que surgem sobre o significado da vida humana. A existência de uma pós-morte é fundamental para estas respostas. A esperança de vida após a morte elimina, ou atenua, o medo que o ser humano carrega a respeito de sua finitude.

A morte atualmente é tema constante dos estudos da bioética e seus questionamentos. A morte deixou de ser tratada como um acontecimento oculto e secreto, sendo trabalhada por uma equipe especializada. A "boa morte" é uma morte preparada sob o ponto de vista emocional, médico e psicológico, dentro dos moldes tidos como adequados do ponto de vista. Em grupos multidisciplinares de apoio, o representante religioso é de grande valia, sendo freqüentemente o primeiro e geralmente o único a ser solicitado. A bioética e outros segmentos do conhecimento têm focado bastante a terminalidade, discutindo temas como, por exemplo, a distanásia, onde se prolonga o tempo de vida das pessoas inutilmente, através de recursos tecnológicos, em situações onde não cabe mais nenhuma chance de melhora ou cura do processo instalado. Pessoas decidem quem vai morrer ou não, quem deve ou não receber órgãos para transplante, objetivando uma nova chance de permanecerem vivos.

A necessidade do luto também se apresenta de forma diferente nas diversas culturas. O sentimento de desamparo causado pela perda pode ser acompanhado de sintomas do processo de luto como, por exemplo: depressão, ansiedade, agitação, insônia, culpa, dificuldade de concentração e de raciocínio, etc.

Nos grupos multidisciplinares de apoio propostos na atualidade, o representante religioso é de grande valia, sendo freqüentemente o primeiro e geralmente o único a ser solicitado. O apoio dado pela equipe espiritual, dá satisfação ao paciente terminal em ter companhia, colocando a presença do sacerdote como fator de grande ajuda, onde pode ser formulada uma mensagem de consolo a seus anseios de uma vida melhor após a morte. Não

se trata de guiar ou levar o indivíduo de um lado ao outro, pois o caminho pertence a ele, mas uma teologia libertadora despertaria a esperança presente no núcleo da Boa Nova de Jesus Cristo. Não será apresentado ao paciente um projeto de futuro, mas sim uma tentativa de que ele se sinta bem com seu passado, consigo mesmo, eventualmente com as outras pessoas. É importante que o moribundo sinta a nossa fé nele, que lhe garantamos a nossa confiança, dando-lhe oportunidade de crescer e entrar na dimensão de aceitação ao que lhe acontece.

Para que possam estar aptos a dar a melhor assistência possível ao outro se faz necessário que os cuidadores estejam bem. O cuidador como parte do processo deve estar apto a interagir como pessoa no sistema, a partir de si mesmo. É de extrema importância o cuidado de si próprio para as pessoas que trabalham em situações de ajuda. O representante religioso é bastante atingido nas situações pastorais. Por lidar com as dores e problemas alheios, e, portanto ficando exposto aos sentimentos, deverá desenvolver técnicas de "defesa pessoal" que o auxiliem a se proteger, para continuar ajudando.

Notas

(1)

http://www.unicamp.br/unicamp/canal_aberto/clipping/outubro2005/clipping051030_estado...

Referências bibliográficas

ALMEIDA Edson Fernando, *Do viver apático ao viver simpático sofrimento e morte*, edições Loyola, São Paulo, 2006.

ALVES Rubem, *Variações Sobre a Vida e a Morte ou O feitiço erótico-herético da teologia*, Edições Loyola, São Paulo, 2005.

ALVES Rubem, *Morte*, Editora Papyrus, São Paulo, 2002.

ÁRIES Philippe, *História da Morte no Ocidente, da idade média a nossos dias*, tradução de Priscilla Viana de Siqueira, Ediouro, Rio de Janeiro, 2003.

- ASSIS São Francisco , Escritos e Biografia de São Francisco de Assis Crônicas e outros escritos do primeiro século franciscano , Editora Vozes, Petrópolis, 1981.
- AUBERT, Jean-Marie, E Depois... Vida ou Nada?, tradução de M. Cecília Duprat, editora Paulus, São Paulo, 1995.
- BLANK Renold J., Escatologia da Pessoa Vida , Morte e Ressurreição, Editora Paulus, São Paulo, 2000.
- BOFF Leonardo, A Nossa ressurreição na Morte, editora Vozes, Petrópolis, 2004.
- BOFF Leonardo, Vida para além da Morte, Editora Vozes, Petrópolis, 2004.
- BOFF Leonardo, espiritualidade um caminho de transformação. Editora Sextante, Rio de Janeiro, 2001.
- CASSORLA, Roosevelt M. S. Da Morte Estudos Brasileiros, Editora Papirus, São Paulo, 1991.
- FERNÁNDEZ, Javier G., 10 Palavras-chave em Bioética, tradução de Maria Luisa Garcia Prada, Editora Paulinas, São Paulo, 2000.
- FERNANDO, Edson e REZENDE, Jonas, Dores que nos transformam, Editora Mauad, Rio de Janeiro, 2002.
- JOHN, R. Hinnells, Diconário das Religiões, tradução de Octávio Mendes Cajado, Editora Cultrix, São Paulo, 1995.
- KÜBLER- ROSS, Elisabeth, Sobre a Morte e o Morrer, tradução de Paulo Menezes, Editora Martins Fontes, São Paulo, 1998.
- MARQUARDT, Manfred, Redescobrimdo o Sagrado, Editeo, São Bernardo do Campo, 2000.
- MENEZES, Rachel Aisengart, Em Busca da Boa Morte, editora Fiocruz , Rio de Janeiro, 2004.
- MONTEIRO, Dulcinéia M. Ribeiro (org) , Espiritualidade e Finitude, Editora Paulus , São Paulo, 2006.
- NOUWEN Henri J. M, O Sofrimento que Cura, tradução de Pedro Elyseu Schweitzer, Editora Paulinas, São Paulo, 2002.



NOUWEN Henri J.M., Adam, o amado de Deus, tradução de Vera Lucia Vaccari, Editora Paulinas, São Paulo, 2002.

NOUWEN Henri J. M. , Crescer Os três movimentos da vida espiritual, editora Paulinas, São Paulo, 2006.

OLIVEIRA Roseli M. Kühnrich, Cuidando de quem cuida, um olhar de cuidados aos que ministram a Palavra de Deus, Editora Sinodal, Rio Grande do Sul, 2005.

PIAZZA Waldomiro O. , Religiões do Mundo, Editora Loyola, São Paulo, 1996.

RINPOCHE, Chagdug Tulku, Vida e Morte no Budismo Tibetano, Rigdzin Editora, Três Coroas, R.S. , 2000.

SÁEZ Oscar Calavia, Fantasmas Falados mitos e mortos no campo religioso brasileiro, Editora da UNICAMP, São Paulo ,1996.

SARAMAGO, José, As Intermitências da Morte, Companhia das Letras, São Paulo, 2005.

SCHOPENHAUER Arthur, Da Morte Metafísicas do Amor Do Sofrimento do Mundo, Editora Martin Claret ,2006.

SHARMA, Robin, Quem vai chorar quando você morrer?, Editora Verus, Campinas, 1999.

http://www.unicamp.br/unicamp/canal_aberto/clipping/outubro2005/clipping051030_estado.